Os extremos do metamorfismo de *T* e *P*

As rochas das fácies granulito e eclogito

GMG0332 – Petrologia Metamórfica Renato de Moraes <u>moraes@usp.br</u>













































contato entre diatexito estromático e granulito félsico. Notar leucossoma dentro do granulito. sul da Bahia, Complexo Jquitinhonha



























Ortopiroxênio

- $T \ge 800 \text{ °C}, P \ge 1.5 \text{ kbar}$ (Spear *et al.*, 1999)
- $Bt + Grt + Qtz \rightarrow Opx + Crd + Kfs + líquido$
- Associação típica pelítica: Opx + Crd + Kfs (mesopertita) ± Pl ± Bt ± Grt + leucossoma (com Opx + Crd)
- Associação típica rocha quartzo-feldspática: Qtz + Kfs + Pl + Opx ± Grt + leucossoma ± Crd
- Se considerarmos o ortopiroxênio como mineral índice da fácies granulito, não seria interessante, então, colocar o início da fácies granulito em 800 °C?











Início da fácies granulito

- A temperatura mínima do início da fácies granulito deve ser baseado em dados experimentais ou termobarometria?
- Dados experimentais vs. termobarometria
 - Dados experimentais Opx em T~ 800 °C
 - Termobarometria $T_{\text{calc}} \ge 700 \text{ }^{\circ}\text{C}$
 - Os primeiros dados de termobarometria em granulitos foram baseados em termometria de dois piroxênios ou granadaortopiroxênio sem que correções na razão Fe/Mg dos minerais fosse feite e que ocorre durante o resfriamento gerando $T_{calculada}$ mais baixa que a T_{pico}















Conclusão

- Os experimentos indicam que a temperatura mínima para a formação de ortopiroxênio metamórfico é de ~800 °C para rochas máficas, pelíticas e graníticas
- Quando a correção da composição de granada e ortopiroxênio é aplicada, os dados termobarométricos fornecem temperaturas mínimas da ordem de 800 °C
- A temperatura mínima da fácies granulito deve ser de ~ 800 °C



Limite da estabilidade de Grt + Crd

- A investigação do limite superior de estabilidade do par Grt + Crd foi investigado de modo teórico (quimiografia) por Hensen (1970) e de modo experimental por Hensen & Green (1971, 1972, 1973, CPM)
- Os resultados de seus experimentos não foram bem aceitos pela comunidade petrológica por causa das T extremamente altas envolvidas (T > 900 °C)
- A partir da metade da década de 80 é que os resultados dos experimentos começaram a ser aceitos, quando termômetros que pudessem calcular *T* para essas rochas começaram a se tornar disponíveis







































Granulito máfico

- Baseado nesses trabalhos, cujo "reagente" nos experimentos é gabro anidro, sem hornblenda, em alta P temos Cpx + Qtz + Grt ± Pl
- Em rocha com hornblenda (anfibolito) o metamorfismo é diferente, a hornblenda pode entrar em fusão junto com quartzo e plagioclásio; o quartzo é consumido antes da hornblenda, tornando sua coexistência com diopsídio improvável
- A transição para a fácies granulito é dependente da composição da rocha, se quartzo toleíito ou se olivina toleíito



Rochas de outras composições na fácies granulito

- rochas ultramáficas
 - Di + En + Fo
- rochas ultramáficas com Al₂O₃
 - $En + Fo + Spl \pm Hbl$
- rochas calcissilicáticas
 - Fo + Di
 - Wol + Cc (ou Qtz) \pm Cpx
 - Wol + Scp (se P > 9 kbar $T > 900^{\circ}$ C)

71

















































Granulitos: resíduos de fusão

Preservação das paragêneses da facies granulito



















Características gerais

- O granulito é formado pelo resíduo do protolito (fases em excesso das reações de fusão) + fases peritéticas (Opx, Grt, Crd, etc)
- Em muitos casos não há melanossoma algum (principalmente de Bt), pois as fases peritéticas podem estar misturadas no resíduo
- A rocha é intensamente recristalizada, raras texturas associadas à fusão são preservadas e algumas poucas de cristalização de líquido aprisionado podem ser observadas
- A preservação das paragêneses requer a separação/perda do fundido do resíduo



























Bohlen, S.R. & Mezger, K. 1989. Origin of granulite terranes and the formation of the lowermost continental crust. Science. 244:326 - 329. Bohlen, S.R. 1987. Pressure-temperature time paths and a tectonic model for the evolution of granulites. Journal of Geology 95, 617-632. Bohlen, S.R. 1991. On the formation of Granulites. Journal of Metamorphic Geology 9, 223-229. Ellis, D.J. (1987). Origin and evolution of granulites in normal and thickened crusts. Geology 15, 167-170. Harley, S.L 1989. The origins of granulites: a metamorphic perspective. Geological Magazine, 126 (3): 215 - 247. Kelsey, D.E., 2008, On ultrahigh-temperature crustal metamorphism. Gondwana Research, 13, 1-29. Moraes, R. 2010. O que é granulito? Memórias Del XIX Congreso Geológico Boliviano, Tarija, Bolívia. 167 - 170. Newton, R.C; Smith, J.V; Windley, B.F. 1980. Carbonic metamorphism, granulites and crustal growth. Nature, 288: 45-50. White, R.W. & Powell, R. 2002. Melt loss and the preservation of granulite facies mineral assemblages. Journal of Metamorphic Geology 20, 621-632. White, R.W. & Powell, R. 2010. Retrograde melt-residue interaction and the formation of near-anhydrous leucosomes in migmatites, Journal of Metamorphic Geology 28: 579-597.